

O curioso caso das construções pseudoclivadas invertidas com pronome relativo ‘quen’ no galego: uma análise histórico-ontológica

The curious case of inverted pseudo-cleft constructions with relative pronoun ‘quen’ in galician: a historic-ontological analysis

El curioso caso de construcciones pseudo-escindidas invertidas con pronombre relativo 'quen' en gallego: un análisis histórico-ontológico

André Felipe Cunha Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Brasil

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento que tratou do desenvolvimento diacrônico de algumas construções de foco no galego entre os séculos XIII e XX. Este artigo se debruçará sobre os dados e análise de apenas uma dentre as construções de foco analisadas: Pseudoclivada Invertida com pronome relativo ‘QUEN’, atestada nos séculos XIX e XX. Orientando-me pela Gramática de Construções Baseada no Uso, defendo um quadro alternativo para classificação dos referentes focalizados por essa construção. O objetivo do artigo é apresentar uma proposta de explicação para o uso de um pronome relativo que, contrariando a expectativa gramatical, retoma um referente não humano.

PALAVRAS-CHAVE: Construção pseudoclivada invertida; Galego; Gramática de construções baseada no uso; Sintaxe; Semântica.

* Sobre o autor ver página 177-178.



ABSTRACT

This article presents partial results of a doctoral research on the diachronic development of some focus constructions in Galician between the 13th and 20th centuries. I'll deal here with the data and analysis of only one construction: Inverted Pseudo-Cleft with relative pronoun 'QUEN', attested in the 19th and 20th centuries. Guided by the Usage-Based Construction Grammar, I propose an alternative framework for the classification of referents focused by this construction. The purpose of this paper is to present a proposal for an explanation for the use of a relative pronoun that, against the grammatical expectations, takes up a non-human referent.

KEYWORDS: *Inverted pseudo-cleft construction; Galician; Usage-based construction grammar; Syntax; Semantics.*

RESUMEN

Este artículo presenta resultados parciales de una investigación doctoral que abordó el desarrollo diacrónico de algunas construcciones de enfoque en gallego entre los siglos XIII y XX. Este artículo se centrará en sobre los datos y el análisis de sólo una de las construcciones de foco analizadas en la mencionada investigación: Pseudo Hendidas Invertidas con pronombre relativo 'QUEN', atestiguadas en los siglos XI y XX. El objetivo de este trabajo es presentar una propuesta de explicación para el uso de un pronombre relativo que, contrariamente a la expectativa gramatical, reanude un referente no humano.

PALABRAS CLAVE: *Construcción invertida pseudo bendida; Gallego; Gramática de construcciones centrada no uso; Sintaxis; Semántica.*

1 Introdução

Este trabalho é um recorte da tese de doutoramento intitulada *Estruturas de foco no galego é o que vais ter*, defendida em Fevereiro de 2018. O recorte específico de tempo deste trabalho vai do século XIII (data dos mais antigos documentos escritos em galego) até o ano de 1980. O motivo para essa última data é primariamente político. Em 1981, o Estatuto de Autonomia galego é aprovado, depois de um longo processo de redemocratização da Espanha, iniciado em 1975 com a morte do ditador Francisco Franco. A aprovação do estatuto inaugura um novo período histórico para a língua galega e tem um forte impacto linguístico (CUNHA VIEIRA, 2017). Isso fez com que o ano 1980 fosse escolhido como fronteira para o estudo do galego histórico, em contraposição ao que podemos chamar de galego contemporâneo.

A tese¹, desenvolvida em parte no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, Brasil, e no Instituto da Língua Galega da USC, Espanha,

¹ Este trabalho integrou os esforços coletivos de um grupo de pesquisa sediado e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil em cooperação internacional com o Instituto da Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, Galícia, Espanha. O projeto intitulado "Galego e Português Brasileiro: História, Variação e Mudança", foi financiado pela CAPES (Brasil) e Dirección General de Política Universitaria, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (Espanha), e coordenado pelo Prof. Dr. Xoán Carlos Lagares (Brasil) e Prof. Dr. Xosé Henrique Monteagudo (Espanha). Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa sanduíche do programa CAPES/DGPU, pelo período de setembro de 2015 até agosto de 2016, e por uma bolsa de doutoramento CAPES, com início em Março de 2014 e término em Fevereiro de 2018.

orientou-se sob o modelo de Construcionalização e Mudança Construcional em uma perspectiva teórica da Gramática de Construções Baseada no Uso. Seu intuito foi o de analisar diacronicamente algumas das construções de foco no galego, de modo a contribuir para os escassos trabalhos de descrição dessa língua, bem como o de auxiliar em futuras pesquisas sobre o brasileiro.

Antes de dar prosseguimento com o assunto central deste artigo, entendo ser necessário comentar sobre duas questões que estão interligadas:

A primeira diz respeito à importância dos estudos galegos. Ainda são insipientes as pesquisas que se ocupam dessa língua (CUNHA VIEIRA, 2017). Essa realidade está aos poucos mudando e isso é uma ótima notícia para os pesquisadores que investigam o brasileiro.

A segunda diz respeito ao termo brasileiro para nomear a língua brasileira². O motivo está na história de ambas as línguas, galego e brasileiro. Sobre isso, tratam alguns trabalhos, dentre eles: Monteagudo (1999), Lagares (2006; 2008; 2012a e 2012b; 2013), Lagares e Monteagudo (org.) (2012), Bagno (2012), Cunha Vieira (2017 e 2018), dentre outros. Ainda que não haja um consenso explícito entre esses trabalhos no tocante a nomenclaturas e fronteiras linguísticas, uma espécie de consenso implícito de que o português (língua da instituição nacional Portugal) seja um desenvolvimento histórico da língua surgida no reino da Galiza em meados do século VIII d.e.c. pode ser defendido.

Bagno (2012) afirma:

O português brasileiro pertence a um grupo de línguas que vamos chamar aqui de portugalego, um nome formado da junção de *português* e *galego*, as duas línguas mais antigas do grupo, embora a ordem cronológica seja inversa à formação do nome: primeiro nasceu o galego e do galego nasceu o português. Assim, todas as línguas do grupo são continuações históricas do galego falado no noroeste da Península Ibérica, que por sua vez é resultante do contato linguístico do latim vulgar com a(s) língua(s) céltica(s) que eram faladas ali antes da chegada dos romanos e, eventualmente com outras línguas das quais não nos sobrou nenhuma notícia. (p. 202)

A situação marginalizada do galego decerto contribuiu para que os filólogos portugueses do século XIX não sentissem grande estímulo em reconhecer e assumir a evidência de que o português era e é a continuação histórica da língua galega, levada cada vez mais ao sul, à medida que os reis portugueses expandiam seu território. [...] A presença de reis e de uma Corte é o que permitiu, portanto, à língua portuguesa distinguir-se e separar-se do galego, uma língua que por muitos séculos não será objeto de cultivo literário, relegada aos usos menos nobres, sempre oprimida pelo castelhano centralizador. (BAGNO, 2012, p. 224).

Cunha Vieira (2017), no item 1. *A falácia Galego-Português*, ressalta que:

² Vale ressaltar que o Brasil não é nem nunca foi um país monolíngue, e que não podemos ignorar a existência das línguas autóctones e, mais recentemente, da LIBRAS. Este artigo, entretanto, não tratará dessa realidade. Pede-se ao leitor que mantenha em mente que brasileiro é apenas a língua majoritária do Brasil e que este artigo não tratará das demais por não serem relevantes à discussão aqui aventada.

No século XII d.e.c. (1139), com a independência do Reino de Portugal, as variedades do galego abaixo do rio Minho, (galego português) sofrem cada vez menos influência das variedades ao norte do rio Minho (galego)³. Em 1290, esse romance galego, aqui chamado galego português, é oficializado como língua de administração pública, em substituição ao latim. Esse marco histórico inicia um longo processo de normatização que criará, por fim, a língua utilizada por Camões em 1572, em seu célebre *Os Lusíadas*, conhecida mundialmente como português (CUNHA VIEIRA, 2017, p. 76).

O padre beneditino galego Sarmiento, uma das figuras mais importantes da Ilustração hispânica, sobre a relação entre português e galego, no século XVIII, salienta:

[Os portugueses], como tinham Monarca próprio, introduziram nas escritas públicas e privadas aquele vulgar primitivo que era comum às clases de galegos lucenses e bacharenses. O qual, com o tempo e com o exercício de escrever-se, fez-se como um dialeto distinto, e é o que hoje chamamos português. Se bem que ainda tem tanta semelhança com o vulgar galego que hoje se fala que nem todos sabem distingui-la (Sarmiento 1775, p. 202, apud. Mariño 1998, p. 308)⁴.

Apoiando-me nessa concepção de continuidade linguística entre galego e português, remato o assunto defendendo que, se o termo português veio a ser utilizado por questões políticas, como forma de reforço da identidade nacional de Portugal, como apontam Bagno (2012) e Cunha Vieira (2017), então não há motivos para que a língua falada no Brasil não seja chamada brasileiro.

Isso posto, toda e qualquer pesquisa que se ocupe da descrição histórica do galego tem potencial para explicar, ao menos parcialmente, os processos pelos quais o brasileiro passou ao longo de sua trajetória.

Quanto aos *corpora* utilizados nesta pesquisa, para referências medievais, utilizo o Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG), que abrange uns 16000 textos e documentos anteriores a 1600. Sua distribuição ao longo dos séculos é muito assimétrica, decaindo rapidamente no século XV e, mais ainda, no XVI (começo dos séculos escuros). Para referências modernas e contemporâneas utilizo o Tesouro Informatizado da Língua Galega (TILG), que contém mais de 26 milhões de palavras correspondentes a textos galegos escritos, produzidos desde 1600 à atualidade. As atestações correspondentes aos sécs. XVII e XVIII são muito escassas, até a chegada do *Rexurdimento* no XIX (CUNHA VIEIRA, 2017).

A análise matemática de frequência, porcentagem e estatística foi operacionalizada com o auxílio da linguagem de programação R. Sobre essa linguagem, diz Leite de Oliveira (2017):

³ Essa diferenciação é puramente didática. (nota do texto original)

⁴ [Os portugueses], como tenían Monarca propio, introduzieron en las escrituras públicas y privadas aquel vulgar primitivo, que era común á las dos clases de Gallegos Lucenses, y Bracharenses; el qual, con el tempo, y con el exercicio de escribirse, se hizo como dialecto distinto, y es el que hoy llamamos Portugués; si bien aún tiene tanta semejanza con el vulgar Gallego, que hoy se habla que no todos le saben discernir.

De acordo com Levshina (2015), a linguagem de programação R tem se tornado a ferramenta de análise estatística padrão em muitas áreas da linguística, principalmente naquelas baseadas em corpus e estudos computacionais. Isso se deve ao fato de a linguagem R oferecer uma grande quantidade de funções e pacotes para tarefas específicas, projetados por estatísticos profissionais e especialistas de diferentes campos. Embora leve tempo para se dominar os pressupostos básicos da sintaxe do R, ele consiste em um programa bastante flexível que permite que linguistas verifiquem suas hipóteses a partir de uma grande quantidade de testes estatísticos oferecidos (LEITE DE OLIVEIRA 2017, p. 106).

Análises estatísticas funcionam baseadas em dois possíveis resultados: hipótese nula, segundo a qual os fatores são independentes, e a hipótese alternativa, segundo a qual os fatores estão estatisticamente relacionados. Um dos testes mais importantes para esta investigação, e que pode ser utilizado para averiguar esses resultados, é o chamado X-quadrado que trata da independência dos fatores.

Outro resultado muito importante é o do valor de *p*. (*p. value*) “que corresponde ao nível de significância, convencionalmente estabelecido em 0,05” (LEITE DE OLIVEIRA 2017, p. 107). Quando o resultado é inferior à 0,05, podemos desconsiderar a hipótese nula. De modo geral, a análise quantitativa e estatística será concomitante a uma análise qualitativa, de modo que seja possível ultrapassar as limitações históricas.

Uma importante nota sobre a apresentação dos dados: os dados do galego aqui apresentados como exemplos foram cuidadosamente escolhidos para serem de fácil compreensão para o leitor proficiente em brasileiro e/ou português. Dessa forma, evitei introduzir glosas, que iriam inflar desnecessariamente o texto.

2 Pseudoclivadas Invertidas

Dentre as várias construções de foco atestadas na língua galega, encontram-se as que chamamos Pseudoclivadas Invertidas. Sua estrutura formal pode ser descrita como uma matriz, composta por um elemento focalizado seguido por cópula, e uma oração relativa. A matriz e a oração relativa expressam uma proposição logicamente simples, i.e., para a qual é possível atribuir os valores de verdadeiro ou falso. Essa estrutura clivada serve ao propósito de focalizar um argumento que, de outra maneira, poderia não ser interpretado como focal, além de prevenir que outro argumento, que não esse, seja interpretado como focal. Essa é a caracterização proposta por Lambrecht (2001).

Uma CONSTRUÇÃO CLIVADA é uma estrutura complexa que consiste de uma oração matriz introduzida por uma cópula e de uma oração relativa ou tipo relativa cujo argumento relativizado está coindexado ao argumento predicativo da cópula. Consideradas juntas, as orações matriz e relativa expressam uma proposição logicamente simples, que poderia ter sido igualmente expressa sob a

forma de uma oração simples sem mudança nas condições de verdade (LAMBRECHT, 2001, p. 467)⁵.

A figura 1, abaixo⁶, representa uma primeira caracterização formal da construção aqui analisada.

Figura 1. Caracterização Inicial da construção Pseudoclivada Invertida

[[σ_1]_i SER] REL_i V (Y₂) ↔ [σ_1 é um elemento focalizado com valor contrastivo + conteúdo proposicional da oração]

Ao examinar os dados recolhidos nos *corpora* aqui analisados, podemos observar duas possibilidades estruturais básicas de realização dessa construção:

- (1) o criado **era** *quen* facía os milagres
- (2) ¡Sapos e cóbregas, **foi** *o que* oín!

A principal diferença entre esses dois exemplos é que: em (1), a oração relativa é introduzida por um pronome relativo “quen” correlacionado à animacidade; em (2), a oração relativa é introduzida por um pronome relativo neutro “o que”, que dispensa a correlação com animacidade.

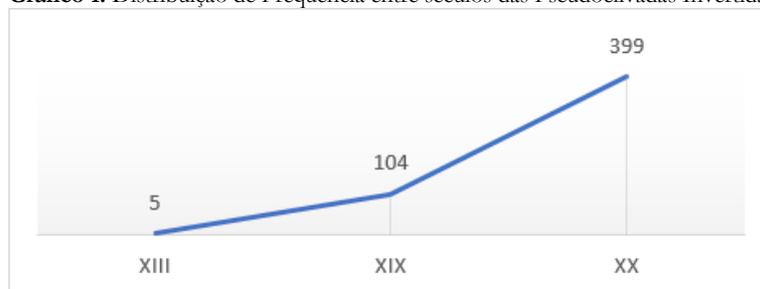
Submetidos a teste, vemos que, ambos, expressam uma proposição que poderia ter sido expressa através de uma proposição simples, representada abaixo em (a) e (b):

- (a) O criado facía os milagres.
- (b) Oín sapos e cóbregas.

Se analisarmos a construção Pseudoclivada Invertida por séculos, sua distribuição é como apresentada no gráfico1, a seguir:

⁵ A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in the truth conditions.” (LAMBRECHT, 2001, p. 467)

⁶ A representação construcional que utilizo aqui segue a proposta de Traugott e Trousdale (2013). [[F] ↔ [M]]

Gráfico 1. Distribuição de Frequência entre séculos das Pseudoclivadas Invertidas

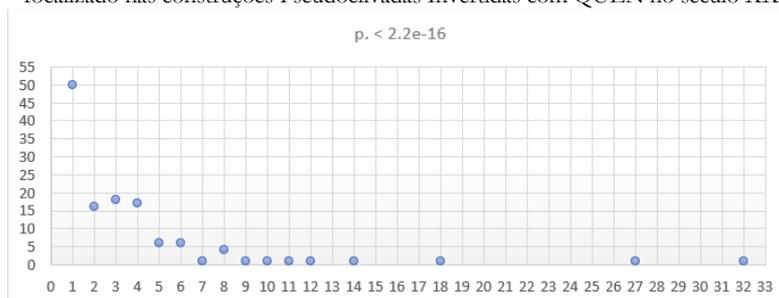
Neste artigo, no entanto, é analisado apenas as Pseudoclivadas Invertidas com QUEN, abandonando as ocorrências que apresentam pronomes relativos “neutro”, aquele que dispensa a correlação com animacidade. O motivo para isso é que o comportamento dessas construções foge do que é gramaticalmente esperado, como mostro a seguir.

3 Pseudoclivadas Invertidas com QUEN

Apesar do provérbio científico segundo o qual a “falta de evidência não é evidência da falta”, todo linguista que se debruça sobre dados históricos se vê obrigado a lidar com a realidade dos dados que tem à sua disposição, e é (só) a partir deles que podemos formular qualquer hipótese histórica. Dada essa realidade, não é raro nos depararmos com respostas que parecem diferentes daquilo que poderíamos supor por extrapolação. No tocante à construção Pseudoclivada Invertida com QUEN, os dados indicam que ela surgiu no galego apenas no final do século XIX. Levando em consideração a ideia corrente de que o século XX realmente só chega para o galego em torno de 1920, talvez pudéssemos extrapolar um pouco e supor que a realidade da língua durante meados do século XIX viu o surgimento dessa construção.

A primeira constatação relevante diz respeito ao elemento sintático focalizado pela Pseudoclivada Invertida com QUEN. Todos os dados apresentam um elemento sujeito como foco. Essa característica, ainda que seja relevante, por ser categórica, não será aprofundada neste artigo.

Quanto ao tamanho, em quantidade de sílabas do elemento focalizado, os resultados são relevantes, como demonstra o gráfico 2, abaixo, e indicam que o valor não marcado é de apenas uma sílaba.

Gráfico 2. Distribuição dos dados em relação à quantidade de sílabas do elemento focalizado nas construções Pseudoclivadas Invertidas com QUEN no século XX

Outros resultados interessantes dizem respeito ao Tipo de Predicador Verbal das orações encaixadas e o Tipo Textual da sequência em questão.

Quanto ao Processo Verbal, Halliday (2004) propõe serem seis:

I - **Comportamental** – “aqueles que representam a manifestação exterior dos processos internos, a externalização dos processos de estados de consciência e fisiológicos” (p.171).⁷

(3) A noite é quen *dorme* por fora das casas polos agros incertos polos montes abertos.

II - **Existencial** – “pelos quais fenômenos de todo tipo são simplesmente reconhecidos como ‘sendo’ – existir, ou acontecer” (p. 171).⁸

(4) Fisterre, Cabo do Mundo, é o que *é* Galiza.

III - **Material** – “diz respeito à nossa experiência com o mundo material (p. 197) (...) processos de fazer-e-acontecer” (p. 179).⁹

(5) Este é o que me *roubaron*.

IV - **Mental** – “diz respeito à nossa experiência do mundo da nossa própria consciência. São cláusulas do sentir” (p. 197).¹⁰

(6) Eso é o que vosté *queria*.

V - **Relacional** – “são aqueles de identificar e classificar” (p. 170).¹¹

(7) Esto é o que *fai* trinta e un anos.

VI - **Verbal** – “relações simbólicas construídas na consciência humana e performadas pela linguagem/língua, como dizer e significar” (p. 171).¹²

(8) Esto é o que vos din de Cataluña.

Como o gráfico 3, abaixo, mostra, todos os tipos de processo verbal ocorrem com a construção Pseudoclivada Invertida com QUEN embora haja uma diferença distribucional grande entre eles. Vale lembrar que essa classificação não é de forma alguma absolutamente precisa, como o próprio Halliday (2004 p. 171 - 172) demonstra em sua gramática funcional. No entanto, é importante notar que essa construção não apresenta restrições

⁷ “those that represent the outer manifestations of inner workings, the acting out of processes of consciousness and physiological states” (p. 171).

⁸ “by which phenomena of all kinds are simply recognized to ‘be’ – to exist, or to happen” (p. 171)

⁹ “concerned with our experience of the material world (p. 197) [...] processes of doing-and-happening” (p. 179).

¹⁰ “concerned with our experience of the world of our own consciousness. They are clauses of sensing” (p. 197).

¹¹ “those of identifying and classifying” (p. 170).

¹² “symbolic relationships constructed in human consciousness and enacted in the form of language, like saying and meaning” (p. 171).

quanto a nenhum tipo verbal, ainda que os valores de frequência sejam um importante dado armazenado junto a ela, segundo Bybee (2010, p. 14-32).

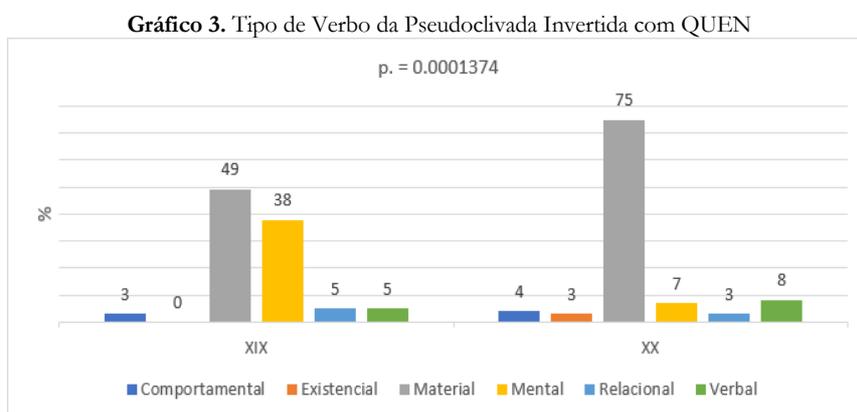


Tabela 1. Frequência dos Tipos de Verbo da Pseudoclivada Invertida com QUEN

	Comportamental	Existencial	Material	Mental	Relacional	Verbal	Total
XIX	1	0	19	15	2	2	39
XX	5	4	94	9	4	10	126

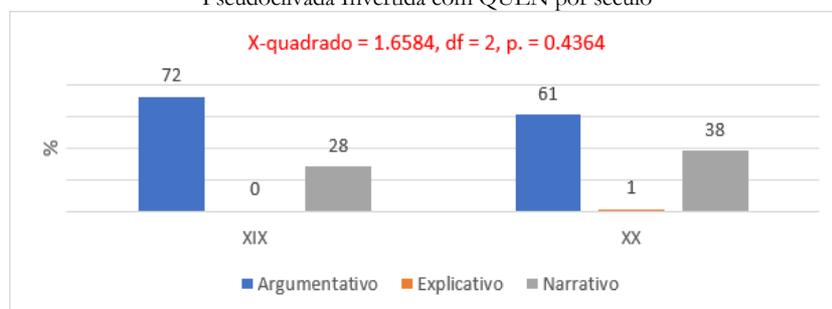
Como as porcentagens do gráfico 3 indicam, houve uma mudança construcional significativa entre os séculos XIX e XX.

- A primeira constatação diz respeito à expansão da classe verbal. No século XIX, não foram encontrados dados de Pseudoclivadas Invertidas com QUEN em orações com verbo Existencial.
- A segunda constatação diz respeito à reconfiguração das porcentagens. No século XIX, as Pseudoclivadas Invertidas com QUEN focalizavam igualmente sujeitos de verbo Material e Mental. No século XX, a construção passa a focalizar quase que exclusivamente sujeitos de verbos Materiais.

Passo agora para a análise dos Tipos Textuais. Segundo Paredes Silva (2011),

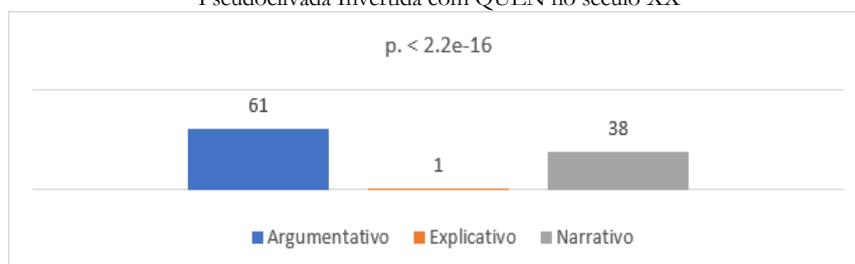
Os tipos de texto podem ser identificados por marcas formais, por propriedades lingüísticas [*vis*] características, como, por exemplo, as marcas de tempo, aspecto e modo do verbo; a natureza semântica do verbo; a preferência pela 1a, 2a ou 3a pessoa; a unidade semântica focalizada (entidades, eventos, proposições, etc). Esses tipos constituem um conjunto limitado de possibilidades: dependendo do autor, no máximo uns seis ou sete (narrativo, descritivo, dissertativo, argumentativo, injuntivo, expressivo, explicativo). Esse é também o ponto de vista de Adam (1993) e Marcuschi (2002), entre outros (PAREDES SILVA, 2011).

Gráfico 4. Distribuição do Tipo Textual da Pseudoclivada Invertida com QUEN por século



O gráfico 5, acima, indica que não houve mudança estatisticamente significativa entre os séculos. Contudo, ao analisarmos apenas o século XX, podemos constatar que a maioria dos dados ocorrem em argumentação, enquanto 1/3 são utilizados em narrativa, e que essa distribuição é estatisticamente significativa.

Gráfico 5. Distribuição total dos dados por Tipo Textual na Pseudoclivada Invertida com QUEN no século XX



Esses resultados fazem todo sentido quando pensamos que, tanto ao narrar quanto ao argumentar, tendemos a utilizar várias estratégias de focalização para salientar certos elementos considerados cruciais para o entendimento do nosso texto.

Lambrecht (2001), sustentando-se em Jespersen (1949), apresenta dois princípios que motivariam o uso de clivadas. O primeiro refere-se a questões formais:

Princípio 1: A ocorrência de construções clivadas em uma língua relaciona-se com o grau de liberdade da posição do acento prosódico e dos constituintes sintáticos nessa determinada língua (LAMBRECHT, 2001, p. 488).¹³

¹³ PRINCIPLE 1: “The occurrence of cleft constructions in a language correlates with the degree of positional freedom of prosodic accents and syntactic constituents in that language” (LAMBRECHT, 2001, p. 488).¹³

O segundo princípio menciona questões funcionais:

Princípio 2: Construções clivadas são mecanismos de marcação de foco que visam prevenir indesejada predicação-focal de uma proposição. Clivadas servem para marcar como focal um argumento que, de outra maneira, poderia ser entendido como não focal, ou como não focal um predicado que poderia ser, de outra maneira, entendido como focal, ou ambos (LAMBRECHT, 2001, p. 488, tradução minha).¹⁴

Desse modo, o princípio 2, destaca que as clivadas servem para marcar como focal um argumento que, de outra maneira, poderia ser entendido como não focal. Ou seja, que o foco seja atribuído à um elemento discursivo não desejado.

Algumas pessoas, no entanto, costumam considerar estritamente a proposta de Halliday (1967) sem atentarem para a diferença entre *status* informacional da proposição e o *status* informacional do referente. Observe-se o que diz Halliday:

O foco de informação é um tipo de ênfase, através do que o falante sinaliza a parte (que pode ser o todo) da mensagem como aquela que ele deseja que seja interpretada como informativa. O que é focal é **informação 'nova'**; não no sentido de que não pode ter sido previamente mencionada, embora, frequentemente, não tenha sido, mas no sentido de que o falante a apresenta como se não fosse recuperável do discurso precedente (HALLIDAY, 1967, p. 204, tradução e grifo meus).¹⁵

É importante que fique claro que o autor não está defendendo que os possíveis referentes observados em elementos focalizados devam ser obrigatoriamente novos, mas que o *status* informacional da proposição será sempre novo.

Isso nos leva ao próximo tópico: Status Informacional do referente focalizado. Chafe (1994) defende que processamos os dados linguísticos com, pelo menos, três tipos de memória: memória de curto prazo, memória de médio prazo e memória de longo prazo. A memória de curto prazo, que corresponde ao foco de consciência do falante/ouvinte, é muito restrita, de modo que a informação precisa transitar entre estes três estágios da memória segundo a necessidade discursiva. De acordo com sua presença em um dos três estados de consciência, a informação pode ser classificada como: **Dada** (*Given*), **Acessível** (*Accessible*) e **Nova** (*New*). “Nova” é a informação que está no foco

¹⁴ PRINCIPLE 2: “Cleft constructions are focus-marking devices used to prevent unintended predicate-focus construal of a proposition. Clefts serve to mark as focal an argument which might otherwise be construed as non-focal, or as non-focal a predicate that might otherwise be construed as focal, or both”(LAMBRECHT, 2001, p. 488).

¹⁵ “Information focus is one kind of emphasis, that whereby the speaker marks out a part (which may be the whole) of a message block as that which he wishes to be interpreted as informative. What is focal is ‘new’ information; not in the sense that it cannot have been previously mentioned, although it is often the case that it has not been, but in the sense that the speaker presents it as not being recoverable from the preceding discourse” (HALLIDAY, 1967, p. 204).

de consciência do falante e que ele assume estar introduzindo na consciência do ouvinte apenas após o momento da enunciação. “Acessível” é o que já foi mencionado anteriormente e que ainda não saiu completamente do contexto discursivo ou, então, o que pode ser acessado através de um *frame* discursivo. “Dado” é tudo o que está na consciência do falante/ouvinte durante a enunciação, ou tudo o que ainda é extremamente relevante ao contexto do discurso.

É necessário, no entanto, ressaltar que, para essa análise, não importa se o discurso é oral ou escrito. O enunciador fará cálculos mentais, ainda que (provavelmente) inconscientes, (que podem ou não ser acertados) de qual será o *status* informacional do referente de seu discurso na mente do ouvinte/leitor de.

Metodologicamente, utilizei a noção de menção do referente no discurso precedente, sua relação com o *frame* discursivo e analisei pistas formais, tais como o uso de determinantes.

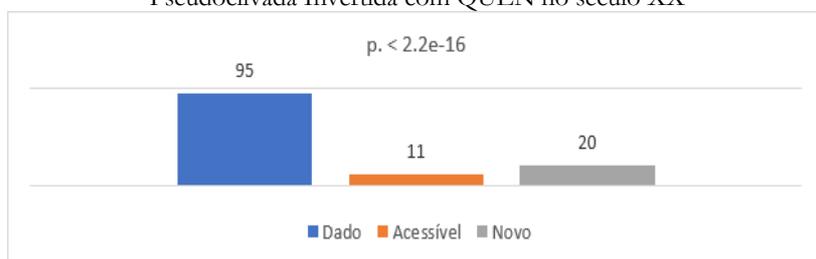
Não é atestada nenhuma mudança na diacronia em relação ao *Status* Informacional do referente do elemento focalizado pelas Pseudoclivadas Invertidas com QUEN. De acordo com a análise estatística, não podemos descartar a hipótese nula, segundo a qual não há relação entre esses dois fatores.

Tabela 2. Distribuição do Status do Referente do elemento focalizado pelas Pseudoclivadas Invertidas com QUEN por século

	Dado	Acessível	Novo	Total
XIX	34 87%	2 5%	3 8%	39
XX	95 75%	11 9%	20 16%	126
Total	129	13	23	

X-quadrado = 2.4491, df = 2, p. = 0.2939

Gráfico 6. Status informacional do referente focalizado na construção Pseudoclivada Invertida com QUEN no século XX



No entanto, ao analisarmos a distribuição da frequência de cada um dos três status informacionais no século XX, fica claro que os referentes são majoritariamente “dados”, a despeito do que Halliday diz ser frequente. A análise estatística indica que há relação entre o fenômeno analisado e o Status Informacional, como pode ser verificado no valor de significância encontrado na parte superior do gráfico 6, acima.

Não há, no entanto, contradição entre os resultados e o que Halliday afirma. O autor diz: “o falante a apresenta como se não fosse recuperável do discurso precedente”. Isso é uma constatação interessante porque deixa claro que essa construção é utilizada como estratégia de reforço de referentes. Como já mencionado, focalizamos elementos que consideramos cruciais para o entendimento daquilo que estamos argumentando ou narrando. Dessa forma, a saliência que o foco dá ao referente inibe possíveis más interpretações do conteúdo do enunciado. Portanto, uma vez que a informação já é dada (por *default*), as estratégias de focalização servem ao propósito de veicular um novo nível de importância para os elementos dentro do discurso, conferindo a eles o caráter de informação “nova”.

Alguém poderia supor que o Status Informacional tenha alguma interação com a animacidade do referente. Como pode ser percebido na análise da tabela 3, apresentada abaixo, referentes dados e novos são predominantemente humanos, enquanto os referentes acessíveis são mais dispersamente distribuídos.

Tabela 3. Status Informacional e Animacidade do referente focalizado pela construção Pseudoclivada Invertida com QUEN no século XX

Animacidade	Status Informacional			Total
	Dado	Acessível	Novo	
Humano	72 / 56%	6 / 46%	16 / 70%	94
Animado	13 / 10%	0 / 0%	0 / 0%	13
Inanimado	10 / 8%	5 / 38%	4 / 17%	19
Total	95	11	20	126

X-quadrado = 13.759, *df* = 4, *p* = 0.008105

3.1 Animacidade dos Referentes Focalizados

Para operacionalizar a análise dos dados em relação à animacidade dos referentes focalizados, trabalhei com a seguinte matriz de traços (Figura 2):

Figura 2. Matriz de Traços de Animacidade

$$\begin{bmatrix} [+humano] \\ [+animado] \end{bmatrix} = \text{Humano} \quad \begin{bmatrix} [-humano] \\ [+animado] \end{bmatrix} = \text{Animado} \quad \begin{bmatrix} [-humano] \\ [-animado] \end{bmatrix} = \text{Inanimado}$$

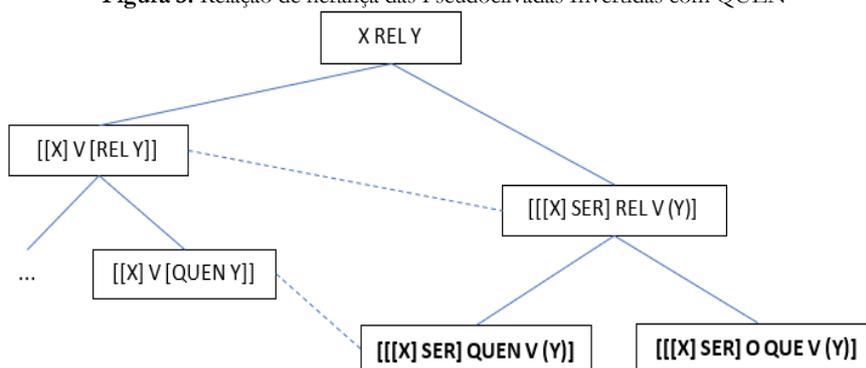
Referentes com Status Informacional dado são maioria, independentemente da animacidade do referente focalizado, embora a animacidade de fato desempenhe um importantíssimo papel nesta análise.

Como já ressaltado previamente, é esperado que Pseudoclivadas Invertidas com QUEN focalizem elementos [+animados], e, provavelmente, elementos [+humanos]. Para afirmar isso, sustento-me no Princípio da Motivação Maximizada, formulado por Goldberg, que diz:

Princípio da Motivação Maximizada: Se a construção A é sintaticamente relacionada com a construção B, então o sistema da construção A é *motivado* ao ponto de relacionar-se semanticamente com a construção B (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Esse tipo de motivação é maximizada (GOLDBERG, 1995, p. 67, tradução minha).¹⁶

A evocação desse princípio tem como objetivo responder à seguinte pergunta: O que gera a expectativa acima mencionada? Segundo o Princípio da Motivação Maximizada, se as demais ocorrências de *Quen* são associadas com a semântica de entidade [+humana] e/ou [+animada], é correto supor que as ocorrências (aqui analisadas) sejam semanticamente relacionadas com as demais. Em termos construcionistas, é provável supor que a construção Pseudoclivada Invertida com *QUEN* tenha uma relação de herança com a construção Relativa com *QUEN*, como demonstrado na representação de rede na figura 3 abaixo:

Figura 3. Relação de herança das Pseudoclivadas Invertidas com *QUEN*



Então, se há razão construcional para estabelecermos essa relação, resta-nos saber qual interpretação semântica geral pode ser atribuída à construção atômica *QUEN*. De acordo com O Dicionário da Real Academia Galega, a palavra **Quen** é polissêmica, e pode ser usada como:

Relativo

1 Forma invariable aplicada a persoas, que introduce unha cláusula subordinada na que pode desempeñar a función de suxeito ou de calquera complemento, referíndose a un elemento ou a un grupo sintáctico anterior (o antecedente).

Topei na rúa a teu cuñado, quen me contou o que che pasara. Ese é o rapaz de quen che falei. Foi el quen mo dixó.

Interrogativo e exclamativo

2 Forma invariable referida a persoas que se usa para introducir interrogacións directas ou indirectas, ou enunciados exclamativos,

¹⁶ *The Principle of Maximized Motivation*: “If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is *motivated* to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized” (GOLDBERG, 1995, p. 67).

podendo desempeñar a función de suxeito ou a de calquera complemento.

Quen me axuda? Dime con quen falabas. Quen puidera namoralala!

Indefinido

3 Forma invariable que equivale a 'aquele que', 'o que', 'alguén que', e pode funcionar como suxeito ou complemento en oracións que son, á súa vez, un elemento doutra máis ampla.

Que interveña quen teña algo que dicir. Fala con quen te poida axudar. Quen non sabe é coma quen non ve.

OBSERVACIÓNS: Aínda que quen non admite nunca plural, ás veces o verbo que o segue si pode ir en plural, sobre todo o verbo ser

Quen son eses que chaman á porta?

FRASES E EXPRESIÓNS CON quen

Así coma quen

De mentira, de broma, non en serio, aplicado a algo que se di.

Non lle fagas caso que cho dixo así coma quen.

Facer coma quen que

Finxir ou facer que se fai aquilo que se expresa.

Fixo coma quen que lle gustara o regalo. Fai coma quen que traballa.

Quen me (che, lle, nos, vos, lles) dera!

Expresa o desexo vivo de ter ou de que suceda a cousa que se expresa.

Quen me dera poder facelo! Quen me dera unha casa coma esa!

Quen sabe!

Expresa dúbida ou posibilidade.

-Virás mañá? -Quen sabe!

CONFRONTAR quizais, se cadra

Ser quen a (facer unha cousa)

Ser capaz, atreverse.

Non foi quen a facelo.

SINÓNIMO ser quen de

Ser quen de

Ser quen a.

A ver se es quen de pillarme.

(<http://academia.gal/diccionario/-/termo/busca/quen> visto em 28/10/2017 às 12:05h)

Vitral (2017), a respeito do pronome relativo **Quem** em brasileiro¹⁷, afirma:

¹⁷ O autor usa o termo "português do Brasil", mas eu utilizarei, por questões já explicadas na introdução, o termo "brasileiro".

Já o relativo **quem** pode ser empregado das seguintes maneiras:

(1) A amiga em **quem** eu confiei não merecia.

(2) **Quem** eu encontrei lá foi a Gislaine.

No primeiro exemplo, o antecedente do pronome **quem** é *a amiga*, mas, no segundo exemplo, o pronome **quem** não dispõe de um antecedente explícito e equivale à expressão *a pessoa que*.

As duas citações acima nos mostram que, tanto em galego quanto em brasileiro, a construção Quen/Quem deveria selecionar referentes que apresentem o traço semântico [+humano], e isso gera a expectativa de que as Pseudoclivadas Invertidas com QUEN também se comportem da mesma maneira, uma vez que elas estariam interligadas sintática e semanticamente na rede do *constructicon*.

A tabela 3, abaixo, apresenta a animacidade dos elementos focalizados por essa construção, e alguns resultados são inesperados:

Tabela 4. Animacidade do Referente
Focalizado em todos os séculos¹⁸

Animacidade					
Humano		Animado		Inanimado	Total
121	73%	23	14%	21	165
p. < 2.2e-16					

Exemplos:

(9) Ese señor foi quen me sacou do pozo.

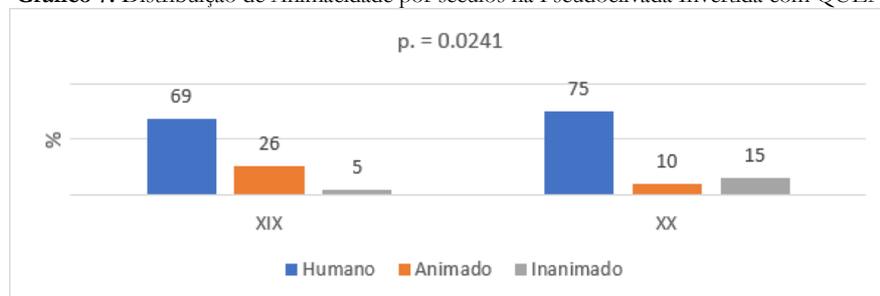
(10) Caitano fora quen o denunciara.

(11) O Demo é quen vos tenta!

(12) [...] e solo Dios é quen sabe [...].

Metodologicamente, tratei referentes como em (11) e (12) como “Animado” uma vez que não fazem referência a seres humanos propriamente. Contudo, não parece adequado tratar esses dados de modo distinto de (9) e (10), uma vez que compartilham características em comum muito importantes como: raciocínio, escolha, pensamento, premeditação, etc. Uma observação muito importante é que não foram atestadas ocorrências de referentes animados não personificados, tais como animais. Por isso, e para não criar uma falsa impressão de dispersão das categorias, deixo claro que é possível amalgamar os valores de Humano e Animado, que passam a ser 144 dados, 87 por cento do total. Os resultados da análise diacrônica são apresentados no gráfico 7:

¹⁸ Essa tabela não apresenta qualquer análise diacrônica ou sincrônica. Sua função é única e exclusivamente indicar que existem dados cuja animacidade não era esperada. Os dados dos séculos XIX e XX estão mesclados aqui porque iniciarei a análise qualitativa da matriz de traços de animacidade.

Gráfico 7. Distribuição de Animacidade por séculos na Pseudoclivada Invertida com QUEN

A análise estatística da distribuição dos dados classificados por animacidade aponta para uma outra mudança construcional. A construção Pseudoclivada Invertida com QUEN passou a focalizar mais referentes humanos no século XX e também aumentou em 10 pontos percentuais a focalização de referentes inanimados.

Desconsiderando a mudança diacrônica, ainda que as ocorrências de referentes animados e humanos sejam de fato consideravelmente mais numerosas, 13% dos dados, exatamente 21 ocorrências, apresentam referentes inanimados, o que é, como já mencionado, no mínimo curioso. No entanto, diversos autores têm se deparado com construções de conteúdo que são cooptadas para preencherem lacunas em construções gramaticais em contextos nos quais, aparentemente, não poderiam. Goldberg, a respeito do licenciamento coercivo de locativos não direcionais para a construção de movimento causado, diz:

De acordo com a visão aqui defendida, coerção não é um processo puramente pragmático; ao contrário, ele é apenas licenciado por construções particulares na língua. Isso é, coerção é possível apenas quando uma construção necessita de uma interpretação que não é independentemente codificada por um item lexical particular. Desde que a ocorrência de itens lexicais possa ser coagida pela construção a ter uma interpretação diferente, mas relacionada, a expressão inteira será julgada gramatical. De acordo com essa ideia, o termo locativo não é independentemente ambíguo, mas, ao invés disso, é capaz de ser coagido, por uma construção particular, a ter a interpretação de significado direcional que lhe é próxima. No caso em questão, nós podemos entender o termo locativo ser coagido pela própria construção *caused-motion* a ter um significado direcional (GOLDBERG, 1995, p. 159, tradução minha).¹⁹

¹⁹ On the view taken here, coercion is not a purely pragmatic process; rather, it is only licensed by particular constructions in the language. That is, coercion is only possible when a construction requires a particular interpretation that is not independently coded by particular lexical items. To the extent that the occurring lexical items can be coerced by the construction into having a different but related interpretation, the entire expression will be judged grammatical. On this view, the locative terms are not independently ambiguous, but instead are capable of being coerced by particular constructions into having the related directional meaning. In the case at hand, we can understand the locative terms to be coerced into having a directional meaning by the caused-motion construction itself (GOLDBERG, 1995, p. 159).

Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013),

Desde um ponto de vista do uso, coerção deve ser entendida como o efeito contextual de *schemas* e modelos exemplares – usar uma construção lexical no contexto de uma construção gramatical esquemática pode desencadear uma incompatibilidade, porque o ouvinte potencialmente alinha – cria um link – um nóculo com outro em uma rede, e essa representação não é compartilhada com a representação mental do falante. A composicionalidade *default* é sobreposta e os ouvintes resolvem o conflito semântico *on-line*. Coerção tem sido largamente referida em relação a padrões *well-entrenched* sincronicamente, tal como a *count/mass* e *telic/non-telic* incompatibilidade mencionadas acima. Embora esses efeitos pareçam ter validade sincrônica, eles são melhor entendidos como requisitos convencionais, normativos e probabilísticos, e não absolutos. Caso contrário, a mudança não poderia ocorrer, nem ocorreria passo a passo nas formas descritas acima. Além disso, alguém poderia esperar que micro-construções que são recrutadas para *schemas* existentes combinem com os *schemas* prototípicos com menos idiosincrasias e restrições raras do que elas de fato fazem, se a coerção fosse uma força direta e forte que ‘exigisse’ alguma interpretação particular. Como nós sugerimos nos capítulos 2.5 e 3.5.1 e como nós mostramos na seção 5.3.4, novos membros de construções existentes são tipicamente membros marginais da categoria inicial, e tornam-se completamente absorvidos por elas apenas com o tempo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 205, tradução minha).²⁰

Ainda assim, resta-nos a pergunta: Como seria possível que um referente inanimado pudesse ser licenciado, coersivamente ou não, por uma construção que, em teoria, só licencia referentes humanos²¹ na posição em questão? Traugott e Trousdale (2013), tratando dos contextos pré e pós-construcionalização, defendem:

Escolhemos cenários de mudança de acordo com o grau hipotético em que a localidade imediata da estrutura interna de uma construção

²⁰ From a usage point of view, coercion has to be regarded as the contextual effect of schemas and exemplar templates – using a lexical construction in the context of a schematic grammatical construction may trigger a mismatch, because the hearer potentially aligns – creates a link – between one node in a network and another, and that representation is not shared with the speaker’s mental representation. Default compositionality is overridden and hearers resolve the semantic conflict on-line. Coercion has largely been referred to with respect to synchronically well-entrenched patterns, such as the count/mass and telic/non-telic mismatches mentioned above. While such effects do appear to have synchronic validity, they are best understood as conventional, normative, and probabilistic, not absolute requirements. Otherwise change could not occur, nor would it occur step-wise in ways outlined above. Furthermore, one might expect micro-constructions that are recruited to extant schemas to match the prototype schemas with fewer idiosyncrasies and unique constraints than they do if coercion were a direct and strong force ‘requiring’ some particular interpretation. As we suggested in chapters 2.5 and 3.5.1 and as we show in section 5.3.4, new members of extant constructions are typically marginal members of the category initially, and become fully absorbed into them only over time (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 205).

²¹ Estou seguindo a linha de raciocínio de Vitral (2017) e do que é apresentado no Dicionário da Real Academia Galega (pg. 5).

serve ou não como fator habilitador para a construcionalização. Os cenários são organizados grosseiramente em uma escala de contextos imediatamente locais para contextos de discurso mais amplos. Os contextos internos da construção são aqueles em que um ou mais constituintes de uma construção complexa servem como fatores habilitadores. Usualmente, existe uma modulação pragmática, e algumas preferências ou restrições distribucionais podem ser detectadas. Esta é a versão construcional das tradicionais restrições de seleção. Vamos mostrar que as fontes podem ser construções com grau diferente de complexidade ou nível de esquematicidade em relação aos seus alvos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 55, tradução minha).²²

Após análise individual dessas 21 ocorrências de referentes inanimados, 2 no século XIX e 19 no século XX, apresento uma análise global, conforme figura 4, abaixo. As 2 ocorrências atestadas no século XIX estão em letras vermelhas.

Figura 4. Categorias dos referentes, processos de interpretação e traços semânticos nas Pseudoclivadas Invertidas com QUEN

Classificação Ontológica	Elemento Focalizado	Predicado	Processo de Interpretação	Traços Semânticos
Entidades humanas	Señor	me sacou	Default	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Caetano	o denunciara		
Instituições	Colexios de Avogados	deven aportar	Processo: Metonímia	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Universidade			
	Audiencias de Galicia			
	Instituto da Língua Galega	leva feito		
	Cataluña ²	Trouxo		
Entidades religiosas	Dios	Manda	Efeito: Personificação	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Demo	Fai		
Entidades sensoriais e/ou emocionais	Corpo	deve por	Efeito: Personificação	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Corazón	Manda		
	Amor	te chama		
Entidades do mundo natural	Vento	Arrola	Processo: Metáfora	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Espreguizo da noite	Prega		
	Noite	Dorme		
	Sol	se enloitou		
	Pátria	nos chama		
	Terra Galega	Roubara		
	Cataluña ²	Trouxo		
	Pedriñas	Viron		
	Montaña	Gardou		
	Paisaxe	Traballa		
Abstracções	Libre pensamento	Rixa	Efeito: Causa como transferência	[-humano][+animado][+volitivo][+causador]
	Tua inñancia	a salvou		
	Poseción	dá vida		
	Ese misterio fondo	Chama		
	Iso	me trai		
Víño	me ten en pé			

Como pode ser verificado na figura 4, acima, os elementos atestados nas Pseudoclivadas Invertidas com QUEN, que funcionam como veículo para a expressão dos referentes, foram divididos em classes ontológicas. Por hora, me aterei à análise dessas classes, apresentando alguns exemplos e observando

²² We have chosen change scenarios according to the hypothesized degree to which the immediate locality of the internal structure of a construction does or does not serve as the enabling factor for constructionalization. The scenarios are organized roughly on a scale of immediately local contexts to wider discourse contexts. Construction-internal contexts are those in which one or more constituents of a complex construction serve as enabling factors. Usually there is pragmatic modulation and some distributional preferences or constraints can be detected. This is the constructional version of traditional selectional restrictions. We will show that sources may be constructions of a different degree of complexity or level of schematicity than their targets (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 55).

o processo de interpretação requerido por cada uma para que haja uma interpretação adequada da sentença. A intenção aqui é apresentar os fatores que possibilitam a coerção desses elementos atípicos. Posteriormente, analisarei os traços semânticos que proponho para cada um dos grupos, uma vez que eles não se sobrepõem perfeitamente às classes ontológicas criadas.

3.2 Veículos para os Referentes e sua Classificação Ontológica

A primeira categoria é a das Entidades Humanas.

- (13) Colleuna, abrazouna, comeuna como quen di, a bicos.
 - Miña vidiña, dixo, ¿qué che pasou? E reparando logo no pano qu'ataba a cabeza dixo: ¡Fírída! ¿Quén te mancou? - Pronto, de contado, chamar un médeco - ¡miña filliña! A criada largou correndo a catálo médeco.
 De pronto dixo a nena: - **Ese señor foi quen** me sacou do pozo. - ¿Quén, úlo? dixo, mirando pró director, a muller cos fillos, qu'a rodeaban por compreto. Estevo estaba ós poucos pasos, varado, sin saber que lle pasaba, pois a voz da mai de Marica firí'o no corazón. Cando o señor lle mandou pasar a diante, non s'estrevía a moverse, [...]

Exemplos como em (13) instanciam um referente humano focalizado. De todas as classes, talvez esta seja a mais fácil de ser compreendida. O processo de interpretação é *default*. Por exemplo, não há dúvidas de que “señor” é um referente elegível para ocupar a posição em questão uma vez que, de acordo com o Dicionário da Real Academia Galega, “Quen” é uma forma invariável aplicada a pessoas.

A segunda categoria é a das Instituições.

- (14) Derradeiramente, e forzados polas circunstancias, empezase a deixar circular entre nós esta vella e resabida verdade. Deschoeronse algúns portelos oficiais - a Lei Palasí e as Orientacións Pedagóxicas en vigor autorízano - por onde pode entrar, si se dá maña, o idioma dos nenos rurais galegos no ensino destes. En Galicia existen algúns organismos - o **Instituto da Lingua Galega** é *quen* máis leva feito - que se acordan de empurrar pra que se faga uso da lingua galega na escola. Nos nosos medios rurais, afortunadamente, hai algúns mestres de escola que ensaian neste intre o uso escolar da lingua galega...
 Camiñamos. Mais non nos empaliquemos.

Em exemplos como (14), o referente não é humano, tampouco animado. Não há dúvidas de que um instituto seja uma organização, e, portanto, inanimada por natureza. No entanto, quando utilizado em um contexto como o apresentado, como sujeito de um verbo como “fazer”, é fácil entender que esse elemento referencia os indivíduos humanos que compõem o corpo ativo da entidade. O processo pelo qual essa interpretação se faz viável é o processo de metonímia. Hopper e Traugott (2003), no capítulo 4, seção 4.4

“Metaphor and metonymy as problem solving”, tratando do processo de mudança semântica em termos gerais, citam Heine, Claudi e Hünemeyer (1991):

Gramaticalização pode ser interpretado como o resultado de um processo que tem como seu principal objetivo **resolução de problemas**, conceptualização via expressão de uma coisa em termos de outra é sua principal função. Essa função não é restrita à gramaticalização, ela é a principal característica da metáfora de modo geral (tradução minha).²³

Hopper e Traugott, então, definem as mudanças metafóricas e metonímicas:

Em outras palavras, mudança semântica no geral, não apenas gramaticalização, pode ser interpretada como solucionadora de problemas (veja também C. Lehmann 1985). Um problema a ser resolvido é a representação de membros de um domínio semântico em termos de outro, e estratégias metafóricas servem a este propósito. [...] Mudança metafórica envolve especificar uma coisa, normalmente mais complexa, em termos de outra não presente no contexto. Mudança metonímica, por outro lado, envolve especificar um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que apenas secretamente (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 92-93, tradução minha).²⁴

Bartsch (2003) explora mais o assunto e afirma:

Metáforas envolvem um cruzamento entre perspectivas que selecionam similitudes (traços idênticos) e diferenças sob cada perspectiva escolhida; metonímia envolve um cruzamento entre perspectivas direcionadas a partes contíguas de situações e objetos (p. 49, tradução minha).²⁵

Metáfora e metonímia não envolvem apenas *mapping* de redes conceptuais de um domínio fonte para um domínio alvo, como defendido por abordagens cognitivas, mas também envolvem uma mudança na perspectiva que possibilita o *mapping* de um domínio para o outro ao selecionar aspectos adequados da rede fonte, e

²³ Grammaticalization can be interpreted as the result of a process which has **problem-solving** as its main goal, its primary function being conceptualization by expressing one thing in terms of another. This function is not confined to grammaticalization, it is the main characteristic of metaphor in general.

²⁴ In other words, semantic change in general, not just grammaticalization, can be interpreted as problem solving (see also C. Lehmann 1985). One problem to be solved is that of representing members of one semantic domain in terms of another, and metaphoric strategies serve this purpose. [...] Metaphorical change involves specifying one, usually more complex, thing in terms of another not present in the context. Metonymic change, on the other hand, involves specifying one meaning in terms of another that is present, even if only covertly, in the context (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 92-93).

²⁵ Metaphors involve a crossing between perspectives that select similarities (identical features) and differences under each of the perspectives chosen; metonymies involve a crossing between perspectives directed towards contiguous parts of situations and objects (BARTSCH, 2003, p. 49).

também do domínio fonte, que possam ser satisfeitos no domínio alvo (p. 50-51, tradução minha).²⁶

Nesse modelo de *Semântica Conceptual Dinâmica*, uma teoria de formação e entendimento conceptual, metáfora e metonímia são novos meios de continuar séries de situações satisfatórias para uma expressão no nível experimental, e elas são também novas seleções de traços disponíveis e relações contíguas no nível teórico, de acordo com perspectivas contextualmente introduzidas. Ambas as formas, a metafórica e a metonímica, consistem das mesmas operações cognitivas uma vez que elas têm um papel em todas as formações conceptuais: relações de similitude e contiguidade são selecionadas sob perspectivas e são usadas na estruturação de crescentes *sets* de dados para *sets* similares e *sets* contíguos. Metáfora é baseada na mudança de perspectiva e procura por similitudes sob uma nova perspectiva; metonímia é baseada na mudança de perspectiva e relações de contiguidade, como as relações de parte-todo, causa-efeito, meios-fins, ação-resultado, instrumento-ação. É importante que o conceito de onde a transferência da expressão se origina, o conceito de origem, já esteja estabilizado em alto grau: Integrando o novo uso da expressão ao conceito antigo, i.e. no dado antigo sob a perspectiva prévia iria desestabilizar o conceito. Isso significa que o uso novo da expressão não se encaixa no conceito antigo (p. 55, tradução minha).²⁷

Croft (2003) afirma que:

Metáfora e metonímia não ocorrem em isolamento: elas são acionadas em enunciados em contextos linguísticos (e extralinguísticos) particulares. Elas apontam para um problema interessante do ponto de vista da semântica composicional, no sentido de que a interpretação metafórica ou metonímica das partes (as palavras individuais) parece ser determinada pela interpretação da construção inteira na qual elas se encontram (CROFT, 2003, p. 161, tradução minha).²⁸

²⁶ Metaphor and metonymy do not only involve a mapping of a conceptual network from a source domain onto a target domain, as claimed by cognitive approaches, but also involve a shift in perspective which makes possible the mapping from the one domain to the other by selecting suitable aspects of the source network, and also the source domain, which can be satisfied on the target domain (BARTSCH, 2003, p. 50-51).

²⁷ In this model of *Dynamic Conceptual Semantics*, a theory of concept formation and understanding, metaphor and metonymy are new ways of continuing series of satisfaction situations for an expression on the experiential level, and they are also new selections from available features and contiguity relationships on the theoretical level, according to contextually introduced perspectives. Both ways, the metaphorical and the metonymical, consist in the same cognitive operations as they play a role in all concept formation: similarity relations and contiguity relations are selected under perspectives and are used in structuring the growing sets of data into similarity sets and contiguity sets. Metaphor is based on perspective change and looking for similarity under the new perspective; metonymy is based on perspective change and contiguity relationships, such as relationships of part-whole, cause-effect, means-end, action-result, instrument-action. Important is that the concept from where the transfer of the expression originates, the source concept, is already stabilised to a high degree: Integrating the new use of the expression into the old concept, i.e. into the old data under the previous perspective would destabilise the concept. This means that the new case of use of the expression does not fit into the old concept (BARTSCH, 2003, p. 55).

²⁸ Metaphor and metonymy do not occur in isolation; they are triggered in utterances in particular linguistic (and extralinguistic) contexts. They pose an interesting problem from the point of view of

Riemer (2003), em uma nota de rodapé sobre extensão semântica diz:

Nerlich & Clarke (1992: 137) oferecem uma explicação de por que a metáfora e a metonímia são os procedimentos mais básicos da extensão semântica: para manter a compreensão, um falante não deve ser arbitrário ao atribuir um novo significado a um termo estabelecido. Metonímia e metáfora representam as maneiras mais óbvias para estender o significado das palavras sem torná-las incompreensíveis: uma palavra é usada para significar um vizinho de seu significado antigo (metonímia) ou aquele que se assemelha a ela (metáfora) (RIEMER, 2003, p. 380, tradução minha).²⁹

Retomando então o exemplo (14), em questão, a interpretação do referente “Instituto da Língua Galega” nesse contexto se dá via metonímia (processos de contiguidade) por uma relação parte-todo que gera uma interpretação personificada. Ao ser personificado, ele aceita os mesmos traços que um referente humano teria nesse contexto. Retornarei a isso mais a diante.

A terceira categoria proposta é a de Entidades Religiosas. Dois exemplos aparecem nos *corpora*: Dios/Deus³⁰ e o Demo/Diaño³¹, ainda que seja possível casos como: anjos, demônio, avatares e outras tantas coisas desse campo semântico religioso.

- (15) MUDARRA, (indiferente) Cómpre, agora, que saíamos camiño a Mondoñedo. (Dirixíndose ós prisioneiros) Pois pregoados da Xusticia estades, Mariscal... vós, Don Pedro... vós, Miranda... ¡e forza e é deber que me sigades!
 MARISCAL (dispondose a saír) ¡Ni'á Xusticia ni'a vós!
 ¡Dios é quen manda! (No fondo aparece Doña Sabela, violenta, loitando pra arredálos soldados que queren detéla.
 DOÑA SABELA ¡Pedro! ¡Pedro! ¡Meu fillo! ¡Paso! ¡Fóra!
 MIRANDA ¡Doña Sabela!
 PEDRO ¡Miña nai!
 MUDARRA ¡Señora...!
 O MARISCAL ¡Dios nos vala!
 DOÑA SABELA ¡Apartade!

semantic composition in that the metaphorical or metonymic interpretation of the parts (the individual words) appears to be determined by the interpretation of the whole construction in which they are found (CROFT, 2003, p. 161).

²⁹ Nerlich & Clarke (1992: 137) offer an explanation of why metaphor and metonymy are the most basic procedures of semantic extension: in order to maintain comprehensibility, a speaker must not be arbitrary in assigning a new meaning to an established term. Metonymy and metaphor represent the most obvious ways to extend the meaning of words without making them incomprehensible: a word is used to signify either a neighbour of its old meaning (metonymy) or one which resembles it (metaphor). (RIEMER, 2003, p. 380)

³⁰ A forma castelhana Dios é mais frequente do que a forma galega Deus, mas o referente obviamente é o mesmo.

³¹ As duas formas são galegas, mas a segunda é mais rara e aparece apenas uma vez nos *corpora* em uma construção Pseudoclivada Invertida com O QUE.

Em (15), o referente é Deus, uma entidade personificada (ainda que não antropomorfizada nem humanizada³²). Como já mencionado acima, a personificação é um efeito que pode ser obtido via metonímia, mas, no caso em questão, o processo utilizado é o da metáfora. Para a maioria dos povos ocidentais, a ideia de Deus requer algum nível de consciência e personalidade. Não é à toa que a Bíblia, para citar uma das fontes mais conhecidas e lidas no mundo todo, está repleta de referências a Deus como sujeito de verbos como: falar, ver, arrepende-se, ordenar, entristecer-se, descer, etc. Todos esses verbos expressam um carácter consciente que não está obrigatoriamente relacionado à ideia de humanidade (para todas as acepções Deus não é humano), mas está indiscutivelmente relacionado ao conceito de *persona* como uma identidade abstrata que dispõe de personalidade distinguível por seu papel social. Derivo essa proposta da apresentada por Carl Jung (1966, edição revisada e aumentada da edição de 1953):

A este segmento arbitrário da psique coletiva – muitas vezes conseguida com considerável dor – eu chamei ‘a *persona*’. O termo *persona* é realmente muito apropriado para isso, porque originalmente designava a máscara que já foi usada por atores para indicar um papel interpretado (JUNG, 1966, p. 216, tradução minha).³³

Aplicarei então a definição apresentada por Bartsch (2003), que diz que a “metáfora é baseada na mudança de perspectiva e procura por similitudes sob uma nova perspectiva”. Para entendermos referentes como “Deus” e “Diabo”, uma vez que são seres não visíveis e claramente não humanos, faz-se necessário atribuir-lhes uma *persona*, de modo que seus papéis sociais possam ser interpretáveis. A partir desta *persona*, é possível entender sua ação sobre o mundo humano. Uma dessas características metaforicamente atribuídas a esses referentes é a consciência. Nesse sentido, Deus e o Diabo são o ideal máximo de consciência, e por isso, além do poder extra-humano que lhes é conferido pela *persona*³⁴, podem afetar o mundo e os indivíduos.

A próxima classe ontológica é a das Entidades Sensoriais e/ou Emocionais.³⁵ Três exemplos dessa classe aparecem nos *corpora*: corpo, corazón e amor.

- (16) Nin as olladas torvas, nin os beizos esquivos, nin as voces
nemigas nin os homes cativos.
Vivirei coma o lume alcendido na noite.
Terei cumios de estrelas, cantarei para os homes.
Estou comigo mesmo.
O corazón é quen manda, i eu obedezo.

³² Adiante, tratarei da diferença entre personificação, humanização e Animacidade.

³³ “This arbitrary segment of collective psyche – often fashioned with considerable pains – I have called the *persona*. The term *persona* is really a very appropriate expression for this, for originally it meant the mask once worn by actors to indicate the role they played” (JUNG, 1966, p. 216).

³⁴ Mais uma vez: entendida como o papel social atribuído a essas entidades.

³⁵ À medida em que prosseguimos verticalmente em direção à base da figura 4, o nível de abstração das características que permitem a coerção se intensificará.

Alguns elementos possuem *personas* que, por milhares de anos, são comuns ao imaginário humano. O coração e o amor são dois deles. O “Amor”, como um dos sentimentos mais prototípicos, é facilmente interpretado como uma *persona* que determina as ações do homem. O Amor é tão ancestral como arquétipo personificado que figura entre os deuses nos panteões romano (Amor/Cupido) e helênico (Eros). Quanto ao dado em questão, (16), a ideia de *persona* que determina as ações do homem é associada ao órgão do corpo mundialmente identificado como repositório dos sentimentos.³⁶

Outra classe é a das Entidades do Mundo Natural. Essa é a classe mais extensa, com elementos como: vento, noite, pátria, pedriñas e Sol. Esse último será analisado abaixo em (17):

- (17) ¿Quén di que o sol é mintireiro? Ás veces Ata avisa dos cegos
estronicios Que se matinan, das traucíos e guerras; **IL**, morto o
César, *foi quen* apiedado De Roma se enloitou, cinguindo a
fronte Escentilante dun crespón cinzoso, E temeron os séculos
impíos A eterna noite. Anque tamén daquela A terra, o mar, o
cás desvergoñados, E as aves agoirantes sinos daban; ¡Cántas
veces dos Cícropes nos coutos, Vimos o Etna a borbollós
fervendo Rótalas frágoas, gomitando lume, A labaradas, e
penedas roxas!

O “Sol” é evocado como um ser dotado de volição, que decide diminuir seu brilho em sinal de luto pela morte do César, como que para protestar contra a traição cometida contra o imperador. A Lua e o Sol, ademais terem sido, por tantos milênios já, associados a deidades, são facilmente recuperáveis como arquétipos de entidades dotadas de ciência e de vontade.

Contudo, é necessário notar duas questões muito importantes em relação a essa categoria. A primeira é o referente Cataluña. Atente-se para o fato de que esse dado aparece duas vezes na figura 4, acima, e um sinal interrogativo segue cada uma das aparições. Esse dado é apresentado abaixo, em (18):

- (18) Fixadevos en que soio hai un rexionalismo que nos poida
servire d'exemplo: o catalán. Predicar ideas boas non é nada:
hai que predicar e dar froito, Cataluña predica e practica.
Cataluña encarnou na realidade do pobo a doutrina rexionalista.
Cataluña é quen trouxo as galiñas. Por Cataluña hoxe se
chaman todos rexionalistas. Cataluña alumea a nosa Iberia do
porvir. A traballar con fe. Este boletín é de tódolos gallegos. A
súa dona é Galicia enteira. Non tén outra. Polo mesmo, as súas
follas serán dinas de se coleccionar.

Não me foi possível decidir se esse dado é um exemplo de metonímia ou metáfora. Em ambos os casos, o efeito é o mesmo: personificação. No entanto, é possível interpretar Cataluña como uma Instituição ou uma Entidade

³⁶ Ainda que muitas culturas associem outros órgãos à ideia de repositório das emoções, o coração figura como uma das imagens mais reconhecíveis. (cf. KÖVECSES, Zoltán; PALMER, Gary e DIRVEN, René, *Language and emotion: The interplay of conceptualisation with physiology and culture*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003, p. 133-159)

do Mundo Natural. De fato, trata-se de uma superposição quântica, nos termos propostos por Cunha Vieira (2017, p. 79). Cataluña é as duas coisas ao mesmo tempo. Se optarmos por interpretar como Instituição, então a leitura metonímica de que estamos diante de uma referência aos indivíduos que compõem essa instituição é requerida. Se, por outro lado, optarmos por interpretar como Entidade do Mundo Natural, então a leitura metafórica é requerida. Riemer (2003) aborda esse tipo de “problema”,

A incerteza predominante sobre a fronteira entre os termos é resultado do fato de que os dois processos estão mutuamente implicados em um grau muito elevado, co-ocorrendo como alternativas para a descrição de extensões únicas, de tal forma que a postulação de dois fatores separados pode parecer forçado (RIEMER, Nick, 2003, p. 308, tradução minha).³⁷

Isso não quer dizer que a metáfora e a metonímia nunca estejam simultaneamente presentes como fatores que se reforçam mutuamente por trás da extensão semântica de uma palavra: frequentemente estão. Em princípio, no entanto, os dois processos são distintos e, embora uma única expressão seja regularmente passível de análise alternativa ou simultânea como metáfora e metonímia, a viabilidade dessa dupla interpretação reflete não apenas a natureza super-determinada e multifacetada da extensão semântica, mas também a indeterminação sempre presente no campo das possibilidades interpretativas abertas pelo uso de uma expressão linguística (RIEMER, 2003, p. 403, tradução minha).³⁸

de forma que eu não optarei por uma das duas interpretações, uma vez que ambas são possíveis e, provavelmente, co-ocorrentes.

A segunda questão importante sobre essa categoria é a existência de um dado que não está sujeito ao mesmo processo de interpretação que os demais, reproduzido abaixo:

- (19) ¿Como, pois, pode ensinársese iso nas escolas? "De maneira que son sentimentos ou emocións o que eispresa o artista. ¿E quen lles dá ós homes os sentimentos que teñen? Polas miñas contas, e non perdendo tempo con razóns científicas que atoparíamos de camiño, a terra, ou mellor dito, **o paisaxe é quen** vai traballando, pouco a pouco, os sentimentos dos homes, a terra é a que dá persoalidade. A razón de que o Arte galego dea máis emoción ós galegos que ós alleos non pode sere máis que a de xuntar

³⁷ The prevailing uncertainty over the boundary between the terms is a result of the fact that the two processes are mutually implicated to a very high degree, co-occurring as alternatives for the description of single extensions to such an extent that the postulation of two separate factors can seem forced (RIEMER, 2003, p. 308).

³⁸ This is not to say that metaphor and metonymy are never simultaneously present as mutually reinforcing factors behind a word's semantic extension: they frequently are. In principle, however, the two processes are distinct, and although a single expression will regularly be amenable to alternative or simultaneous analysis as both metaphor and metonymy, the viability of this double interpretation reflects not only the overdetermined and multifaceted nature of semantic extension but also the indeterminacy always present within the field of interpretative possibilities opened up by the use of a linguistic expression (RIEMER, 2003, p. 403).

mellor a maneira de aitividade do artista galego coa dos demais galegos, pois todos nós temos no peito os mesmos ritmos suxeridos polo paisaxe, [...].

Esse dado é interessante por muitos motivos, mas, no tocante ao tópico que discuto no momento, quero destacar a sutileza da interpretação de que a paisagem, segundo o escritor do texto acima, não está ativamente fazendo uma ação, antes provocando que uma determinada ação aconteça. Não é sugerido em momento algum do texto que a paisagem tenha qualquer intenção, sciência ou agentividade³⁹. A interpretação é a de que o galego é e sente da forma como o faz porque está exposto a uma determinada paisagem. Dessa forma, segundo o autor, a arte de um galego terá mais apelo para outro galego porque os dois tem em comum os mesmos “ritmos suxeridos polo paisaxe”.

Esse exemplo é, portanto, interpretado por outro viés. O processo é metafórico, mas não mais com efeito de personificação. A metáfora aqui sugerida é o que Goldberg (1995) chama de metáfora sistemática e particular de “eventos de causa como transferência”, segundo a qual se faz necessário “entender ‘causar um efeito numa entidade’ como sendo uma transferência de efeito, construído como um objeto, para essa entidade”.

Esse mesmo processo de interpretação é o que utilizo para explicar os elementos categorizados como Abstrações. Nesse grupo, estão: libre pensamento, tua ñorancia, posesión, ese misterio fondo e iso. Esse último é o que apresento abaixo, em (20).

- (20) Cando xa sacaron algo, estenden as cartas e comezan dicindo: - Vostede é casada. - Sonlle ben. - E ten o home en terras de fóra. - Teño por certo. **Iso** é quen me trai aquí.

A tradução funcional do diálogo apresentado em (20) é: – Você é casada? – Sou, e muito. – E tem seu marido em terras estrangeiras⁴⁰? Tenho, com certeza. Isso, é quem me traz aqui.

O pronome demonstrativo anafórico genérico “isso” retoma um conteúdo proposicional referido anteriormente. Nesse caso, não é possível afirmar que exista uma personificação metonímica ou mesmo metafórica. A única interpretação viável é: Ter o marido em terras estrangeiras me faz vir até aqui. Mais uma vez, como já dito acima, a metáfora de causa como transferência é o que permite a interpretação.

O último dado de Pseudoclivada Invertida com QUEN com referente inanimado recolhido nos *corpora* é apresentado abaixo:

- (21) TRAI O CABAZO - Marchat'á bodega, lava ben o cabazo de medida, encheo de viño e prant'o no medio da mesa, que hoxe estou de días e quero tomar unha boa carpanta.
- Iso é o que vosté quere. ¡Viño, sempre viño

³⁹ Discutirei esses termos mais adiante.

⁴⁰ Em brasileiro, diríamos: Seu marido está em terras estrangeiras? ou Seu marido tá no estrangeiro?, etc.

- A ti nada ch'interesa, ¿ouviche, rapás? Tampouco ti o cospes fóra. **O viño é quen** che me tén en pé, sinón ond'eu estaba xa. Bebendo como bebo, estou máis duro qu'a cañota dun carballo. ¡Seica vós, os mociños d'agora, que hastra no mes d'agosto estades a tremer co frío... Na miña mocidade, ¡carafio! con un aturuxo, facía tembrar unha carballeira. E hastra me daba noxo botar un día na cama.

Conforme pode ser observado na figura 4, acima, não criei nenhuma categoria para vinho porque me pareceu excessivo fazê-lo para apenas um dado. No entanto, o processo de interpretação é similar ao descrito para a categoria anterior. Repare-se que a personagem do texto continua falando e diz que está “mais duro que o talo de um carvalho” porque bebe em excesso. A interpretação de causa como transferência é clara.

3.3 Traços semânticos dos referentes

Tratarei agora da nova matriz de traços que proponho para análise dos dados apresentados na seção anterior, no entanto, três conceitos precisam ser estabelecidos previamente.

3.3.1 Animacidade

O primeiro conceito é a **animacidade**. *Anima* é uma palavra latina que significa “corrente de ar, vento, ar, alento, princípio vital, vida”. Em hebraico⁴¹, o equivalente de *anima* é *ruach* (heb. רוח) ou *nefesh bacheia* (heb. נפש החיה), que significam respectivamente “vento, brisa, ar, alento, alma, espírito” e “alma, espírito, pessoa, indivíduo, vida”. Esses conceitos estão também intimamente ligados à ideia de *animus* (Lat.), que significa “mente, alma, espírito, etc.” Em suma, animado é aquilo que identificamos na nossa cultura ocidental como tendo vida e/ou alma. Jung (1966) propõe que todos os seres humanos possuem *anima* ou *animus*, ambos ligados ao inconsciente. O homem possui uma *anima* (um princípio feminino) enquanto a mulher possui um *animus* (um princípio masculino). O que nos interessa aqui é entender que *anima/animus* são opostos ao conceito de *persona*, discutido a seguir. O primeiro diz respeito à realidade interna, enquanto o segundo diz respeito ao exterior, à interface com a sociedade. Essa diferença é importante porque explica uma das distinções chave para o entendimento da proposta aqui apresentada. Um ser é [+animado] quando é [+humano] ou quando possui vida. Significa dizer que um animal é [+animado], ainda que [-humano], porque reconhecemos nele a presença de algo que o anima (mantém vivo), não importa se do ponto de vista biológico ou metafísico. Quanto às Entidades Religiosas, conforme defendido no item anterior, elas não possuem vida no sentido biológico, uma vez que não são

⁴¹ A relevância de demonstrar a semelhança entre o latim e o hebraico vem da defesa, “mundialmente difundida, de que a civilização ocidental é judaico-cristã. Eu, particularmente, sou muito crítico em relação a esse conceito, mas concordo que ele se aplica a algumas questões fundamentais do pensamento ocidental, tal como o apresentado aqui.

físicas, mas são exatamente o arquétipo universal de seres metafísicos que *possuem e podem dar vida*.

A autonomia do complexo-alma naturalmente suporta a noção de uma entidade pessoal invisível que, aparentemente, vive em um mundo bastante diferente do nosso. Consequentemente, uma vez que a atividade da alma é sentida como a de uma entidade autônoma sem vínculo com nossa substância mortal, não há mais do que um passo para imaginar que essa entidade deve liderar uma existência inteiramente independente, talvez em um mundo de coisas invisíveis (JUNG, 1966, p. 262, tradução minha).⁴²

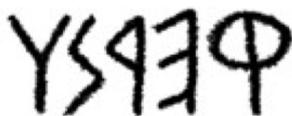
Pouco ou nenhum interesse há neste trabalho de tratar do que a filosofia ou a religião supõe por alma⁴³. No entanto, é imprescindível entender que o homem interage com o mundo e com as *coisas* por intermédio do aparato cultural/religioso/filosófico/científico que a humanidade acumula em seus milênios de existência, e que essa interação produz e é efeito dos arquétipos psicológicos sedimentados na(s) cultura(s), e, conseqüentemente, na(s) língua(s). Esse é o motivo pelo qual opto por caracterizar esses traços semânticos por um viés muito específico da psicologia.

3.3.2 *Persona*

O próximo conceito já foi mencionado na seção anterior. *Persona*, como conceito dentro da psicologia, foi proposto por Carl Jung (1928, 1943). Essa é uma palavra latina sobre a qual há um quase sem fim de debates filosóficos, religiosos⁴⁴ e filológicos. A análise linguística “canônica” para a origem do termo é de que ele vem do latim *persōna*, que teria evoluído da expressão *per sum*. A explicação comumente aceita é que a expressão *per sum* fazia referência às máscaras utilizadas pelos atores em peças de teatro grego.

Contudo, há uma possibilidade de explicação alternativa. As escavações de sítios arqueológicos etruscos na península itálica revelam a existência de uma palavra etrusca que é, possivelmente, mais antiga do que a expressão latina *persona* (Figura 5).

Figura 5. Grafia etrusca da palavra Phersu



⁴² The autonomy of the soul-complex naturally lends support to the notion of an invisible, personal entity that apparently lives in a world very different from ours. Consequently, once the activity of the soul is felt to be that of an autonomous entity having no ties with our mortal substance, it is but a step to imagining that this entity must lead an entirely independent existence, perhaps in a world of invisible things (JUNG, 1966, p. 262).

⁴³ A mesma questão é encontrada em Jung (1966, p. 261 e 262).

⁴⁴ Sobre isso, pesquise sobre os debates da cristologia nos séculos IV e V d.e.c.

A origem do termo, muito provavelmente, é a palavra etrusca *phersu*⁴⁵, que já era o termo utilizado para nomear as máscaras utilizadas no teatro antes mesmo da língua latina ser estabelecida na escrita. Talvez por isso, supõe-se que o termo etrusco tenha sido uma adaptação da palavra grega *πρόσωπον*, com o mesmo significado. Neste trabalho, o conceito de *persona* é: uma identidade abstrata que possui personalidade distinguível por seu papel social.

2.3.3 *Volição*

O último conceito é o de volição. Utilizo a ideia apresentada em Golberg (1995):

A volitividade precisa ser estendida como não sendo apenas a ação descrita por um verbo performedo agentivamente, mas também em relação à relevante ideia de transferência intencionada. Por exemplo, em (3) abaixo, Joe necessariamente deve ser entendido como tendo a intenção de dar o quadro para Sally. Não pode ser o caso de que Joe tenha pintado o quadro para outra pessoa e depois acabou dando para Sally.

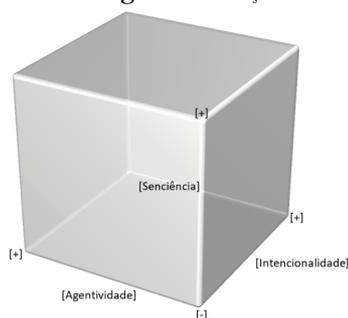
(3) Joe painted Sally a picture.

Da mesma forma, em (4), não pode ser que Bob tenha contado a história para outra pessoa enquanto Joe apenas ouviu.

(4) Bob told Joe a story (GOLDBERG, 1995, p. 143, tradução minha).⁴⁶

Nessa perspectiva, sujeito volitivo é aquele com agentividade e intenção. No entanto, proponho que a volição seja entendida tridimensionalmente, como apresentada na figura 6, abaixo.

Figura 6. Volição



⁴⁵ Provavelmente /'phersu/.

⁴⁶ The volitionality must extend so that not only is the action described by the verb performed agentively, but also with the relevant transfer intended. For example, in (3) below, Joe must be understood to intend to give the Picture to Sally. It cannot be the case that Joe painted the picture for someone else and later happened to give it to Sally.

(3) Joe painted Sally a picture.

Similarly, in (4) it cannot be the case that Bob told the story to someone else and Joe just happened to overhear.

(4) "Bob told Joe a story "(GOLDBERG, 1995, p. 143).

Utilizo o conceito de *senciência* no seu sentido original que deriva do latim *sentire*, portanto, uma entidade *senciência* é capaz de ter sensações físicas e/ou emocionais e/ou mentais. Não utilizarei o termo “consciente” porque a interpretação comum associada a ele é de apenas um nível, o nível da identificação do “eu”. Ser *consciente* geralmente é entendido como ter *autoconsciência* ao passo que ser *senciência* diz respeito à *consciência* em um aspecto mais amplo.

Essa metáfora visual do cubo pretende mostrar que *senciência*, *intencionalidade* e *agentividade* são valores não discretos. Um dado referente pode ser identificado como apresentando *tridimensionalidade*, a saber: altura, largura e profundidade à medida em que apresenta mais ou menos características relacionadas aos três critérios propostos. Goldberg claramente defende que um sujeito, mesmo humano e *agentivo* pode não ser *volitivo*:

Apesar de não pretender resolver aqui as questões relevantes a isso, apelo para o fato das mesmas possibilidades de interpretação ocorrerem com outras expressões nas quais, de modo geral, há consenso requererem como argumento sujeitos *volitivos*. Por exemplo, *assassinar* é um verbo que é universalmente reconhecido por selecionar um argumento sujeito *volitivo*. Ainda assim, há a possibilidade de se dizer o exemplo que se segue sem que haja *contradição*:

(11) Mary acidentalmente assassinou Jane [ainda que ela tivesse em mente assassinar Sue; apesar de ela apenas pretender deixá-la inconsciente].

O que eu estou sugerindo, então, é que, seja qual for a noção de *volição* adotada para lidar com verbos tais como *assassinar*, ela [a noção de *volição*] também deveria ser usada para capturar o requisito *semântico* da posição de sujeito da construção *ditransitiva*.

A existência dessas restrições tem sido *obscurecida* por exemplos como:

- (12) a. The medicine brought him relief.
 b. The rain bought us some time.
 c. She got me a ticket by distracting me while I was driving.
 d. She gave me the flu.
 e. The music lent the party a festive air.
 f. The missed ball handed him the victory on a silver platter.

Nesses exemplos, o argumento sujeito não é *volitivo*. Mesmo quando o sujeito é um ser *animado*, como em (12c, d), nenhuma *volição* é requerida. No entanto, esses exemplos formam uma classe delimitada de expressões, uma vez que são todos instâncias de uma metáfora *sistemática* particular, nomeadamente, “eventos de causa como *transferência*”. Essa metáfora envolve entender ‘causar um efeito numa entidade’ como sendo uma *transferência* de efeito, construído como um objeto, para essa entidade (GOLDBERG, 1995, p. 44, tradução e grifo meus).⁴⁷

⁴⁷ While I do not attempt to untangle the relevant issues here, I appeal to the fact that the same possibilities of interpretation occur with other expressions that are generally agreed to require *volitional* subject arguments. For example, *murder* is a verb which is universally recognized as selecting for a *volitional* subject argument. Still, it is possible to say the following without *contradiction*:

(11) Mary accidentally murdered Jane [although she had meant to murder Sue; although she had only meant to knock her unconscious].

4 Nova Matriz de Traços Semânticos

Agora que os conceitos de animacidade e volição já foram definidos, apresento, na figura 7, abaixo, a nova matriz de traços semânticos:

Figura 4. Nova Matriz de Traços de Animacidade



A novidade, apresentada na figura 17, acima, em relação à matriz anterior é o acréscimo dos traços de volição e causa, e a divisão daquilo que considero inanimado. Essa nova matriz permite que entendamos as ocorrências de Pseudoclivadas Invertidas nas quais QUEN co-ocorre com sujeitos não humanos.

A tabela 5, abaixo, representa a distribuição dos dados dessa construção por século em relação à animacidade e ao tipo semântico do verbo.

Tabela 5. Tipo de Verbo e Animacidade nas Pseudoclivadas Invertidas com QUEN distribuídas por século

Século XIX						
Tipo de Verbo						
Animacidade	Comportamental	Existencial	Material	Mental	Relacional	Verbal
Humano	1	0	14	9	2	1
Animado	0	0	4	6	0	0
Inanimado	0	0	1	0	0	1

Século XX						
Animacidade	Comportamental	Existencial	Material	Mental	Relacional	Verbal
Humano	3	4	69	6	4	8
Animado	0	0	10	2	0	1
Inanimado	2	0	15	1	0	1

What I am suggesting, then, is that whatever notion of volitionality is adopted to deal with verbs such as murder should also be used to capture the semantic requirement of the subject position of the ditransitive construction.

The existence of this constraint has been obscured by examples such as these:

- (12)
- The medicine brought him relief.
 - The rain bought us some time.
 - She got me a ticket by distracting me while I was driving.
 - She gave me the flu.
 - The music lent the party a festive air.
 - The missed ball handed him the victory on a silver platter.

In these examples the subject argument is not volitional. Even when the subject argument is an animate being, as in (12c, d), no volitionality is required. However, these examples form a delimitable class of expressions, as they are all instances of a particular conventional systematic metaphor, namely, "causal events as transfers." This metaphor involves understanding causing an effect in an entity as transferring the effect, construed as an object, to that entity (GOLDBERG, 1995, p. 44).

Como esperado, referentes humanos podem ser sujeitos de todos os tipos de verbo, conforme já mencionado anteriormente. Os referentes animados co-ocorrem apenas com verbos do tipo material, mental e verbal. Quanto aos inanimados, podem ser sujeitos de verbos do tipo comportamental, material, mental e verbal.

Seria de fato difícil explicar a existência, caso ela fosse atestada, desses referentes inanimados com verbos do tipo existencial ou relacional. O motivo é simples. O processo de personificação metafórica não é simplesmente um processo de humanização e/ou animação. Significa dizer que a metáfora de personificação não é suficiente para que o referente possa ser interpretado como humano e/ou animado. Atentemos para o que segue.

- Instituições: processo de interpretação, como já explicado, é de personificação metonímica. Nesse caso, a personificação é uma humanização simplesmente porque apenas seres humanos podem ser membros (prototípicos) de Instituições.

- Quanto à classe das Entidades Religiosas, o processo de interpretação é a personificação metafórica. Esses referentes são de fato animados, mas não são humanos.

- No tocante às classes de Entidades Sensoriais e/ou Emocionais e das Entidades do Mundo Natural, ocorre personificação metafórica, e não humanização ou animação. O que se atribui a esses referentes é o traço de volição, licenciado pela *persona* que esses referentes adquirem.

- Quanto às Abstrações e ao “vinho”, o único traço adquirido, via processo metafórico, é o de [+causador], uma vez que esses referentes não adquirem *persona*, que é o mínimo exigido para ser entendida a capacidade de volição.

Essa nova matriz de traços de animacidade nos indica que a aceção de que a construção Quen⁴⁸ seleciona referentes com o traço semântico [+humano] não é verdade. Qualquer referente pode ser sujeito da construção Pseudoclivada (Invertida) com QUEN, tanto referentes humanos e/ou animados quanto referentes inanimados. Não é o referente que traz consigo o traço [+causador], é a construção que atribui esse traço [+causador] ao referente inanimado permitindo que ele possa ser corretamente interpretado.

Cunha Vieira e Simões (no prelo) defendem que o mesmo acontece no brasileiro. Os autores apresentam, como exemplo, o dado reproduzido abaixo, em (22).

- (22) pedir desculpa e aceitar o origen⁴⁹ que piada e depois jogos do mario no celular pay to win? dispenso... ainda acho que console é só um meio **os jogos é quem** vendem o console se tem jogos exclusivos de qualidade, cedo ou tarde a EA volta atrás quando a base for maior e lança coletâneas de jogos considerados bons (comentário do leitor Barata no site <http://www.wii-brasil.com/noticia.php?id=42430> 26/07/2013 às 22:15, visualizado em 13/10/2017 12:47).

⁴⁸ Construção atômica preenchida.

⁴⁹ Origen é o nome de um jogo.

A frase em questão é: “**os jogos** *é quem* vendem o console?”. Se o autor do texto tivesse optado por uma Pseudoclivada Invertida com O QUE, como demonstrado em (23), abaixo, haveria uma dúvida sobre quem vende, principalmente porque o texto não apresenta nenhuma pontuação:

(23) ?Os jogos é o que vendem o console.

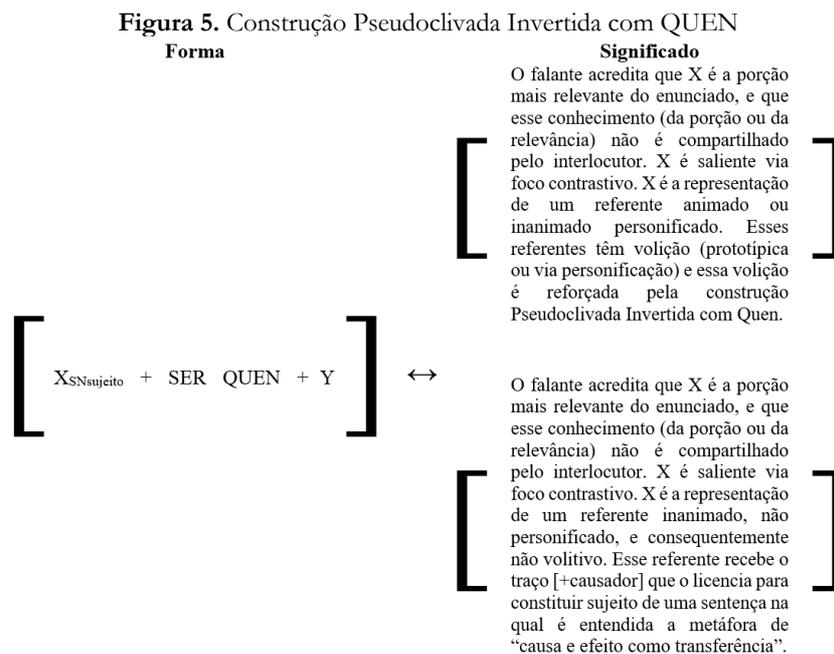
Há uma dificuldade muito grande na interpretação desse dado. Quem vende? O console vende os jogos? Alguém (3p.pl.) vendem os jogos?

Ao optar por uma Pseudoclivada Invertida com QUEM, que permite ao referente focalizado ter o traço [+causador], o autor do texto (que vale ressaltar, é bastante informal) deixa claro que: os jogos causam que o console seja vendido. Ou seja, se determinado console possui muitos jogos compatíveis, então esse console venderá mais. Se poucos são os jogos compatíveis com outro console, esse outro será menos vendido.

Apresentarei em (24) o dado (22) com pontuação e letras capitulares a fim de facilitar sua compreensão.

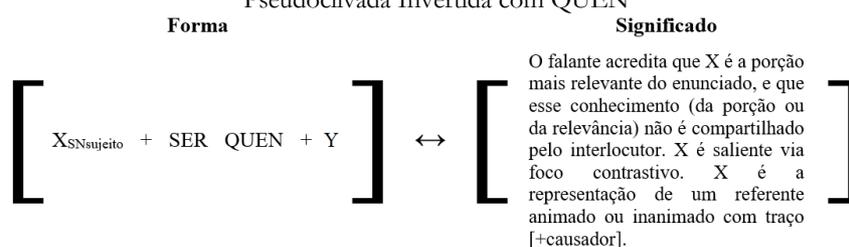
(24) Pedir desculpa e aceitar o Origen. Que piada! E depois,(?) jogos do Mario, no celular, pay to win? Dispensoo... Ainda acho que console é só um meio. Os jogos é quem vendem o console. Se tem jogos exclusivos de qualidade, cedo ou tarde, a EA volta atrás, quando a base for maior, e lança coletâneas de jogos considerados bons.

Resumidamente, existem dois tipos de referentes que podem ser focalizados por Pseudoclivadas Invertidas com QUEN, conforme apresentado na figura 8, abaixo:



No entanto, como a intenção do modelo construcional é sempre generalizar ao máximo a representação das construções, ainda que o armazenamento seja redundante e extremamente detalhado, proponho uma representação simplificada, como apresentado na figura 9, abaixo:

Figura 6. Representação construcional da Construção Pseudoclivada Invertida com QUEN



5 Conclusão

Este artigo apresentou brevemente a construção Pseudoclivada Invertida em galego e fez um recorte muito específico, focando na mesoconstrução **Pseudoclivada Invertida com QUEN**. Apontei que essa construção é empregada para focalizar elementos em sentenças nas quais *causa* é metaforicamente entendida como *transferência*. Observamos que a construção atribui o traço [+causador] para elementos que, normalmente, não poderiam ser processados com esse traço. Dessa forma, propus uma nova matriz de traços de animacidade baseado na capacidade coercitiva das Pseudoclivadas Invertidas com QUEN, e apresentei também uma classificação ontológica dos referentes focalizados por essa construção, justificando a apresentação de uma nova matriz de traços de animacidade que explica o uso inesperado dessa construção.

É importante ressaltar que essa análise é uma gota no oceano que são os estudos de foco no galego, e que esse recorte é histórico, e não contemporâneo. Muito está por ser feito nos estudos de galego, e seria uma honra para mim se esse trabalho pudesse despertar o interesse de outros pesquisadores.

AGRADECIMENTOS: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.” Bolsa sanduíche CAPES (7216/15-7). Proxecto de investigación: Gallego y Portugués Brasileiro: Historia, Variación y Cambio/Galego e Portugués Brasileiro: História, Variação e Mudança. Esta investigación financiou a o programa CAPES/DGPU 325/15 en parceria coa Dirección General de Política Universitaria, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte PHBP14/00049, e unha bolsa de doutoramento CAPES.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. Parábola Editorial: São Paulo, 2012.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA VIEIRA, A. F. As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, 71-96, jul. | dez. 2017, p. 71 – 96.

_____. **Construções Clivadas no Galego é o que vais ter**. 2018, 214 fl. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CHAFE, Wallace L. **Discourse, Consciousness and Time**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1994.

CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: RENÉ, D. & PÖRINGS, R. **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 161 – 205.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, Michael A. K. Notes on transitivity and theme in English, Part 2. **Journal of Linguistics**, n.3, 199-244, 1967.

HALLIDAY, Michael. A. K. & MATTHIESSEN, Christian. **An Introduction to Functional Grammar**. London; New York: Arnold, Oxford University Press Inc, 2004.

LAGARES, X. C.. Uma aproximação à língua das cantigas. **Revista galega de filoloxía**, v. 7, p. 95-116, 2006.

_____. Sobre a noção de galego-português. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 35, p. 61-82, 2008.

_____. Galego-Português-Brasileiro: os desafios de uma perspectiva histórica integrada. In: Lagares, Xoán Carlos; Monteagudo, Henrique. (Org.). **Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança**. Niterói - Santiago: Editora da UFF - Universidade de Santiago de Compostela, 2012, v. 1, p. 11-36. A

_____. O galego e a lusofonia: a "nosa língua" e "os da banda d'alá".. In: Henrique Monteagudo. (Org.). **Linguas, sociedades e política**. Un debate multidisciplinar. 1ed.Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2012, v. 1, p. 561-579. B

_____. O galego e os limites imprecisos do espaço lusófono.. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). **O português no século XXI**. Cenário geopolítico e sociolinguístico.. 1ed.São Paulo: Parábola, 2013, v. 1, p. 339-360.

LAGARES, X. C.; MONTEAGUDO, Henrique (Org.) . **Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança**. 1. ed. Niterói - Santiago: Editora da UFF - Universidade de Santiago de Compostela, 2012. v. 1. P. 221.

LEITE DE OLIVEIRA, D. **Construções de foco com o marcador éto em russo**. 2017, 269 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-

graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍZIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002.

MARIÑO, Ramón. **Historia da lingua galega**. Sotelo Blanco: Santiago de Compostela, 1998.

MONTEAGUDO, Henrique. **Historia social da lingua galega**. Galaxia: Vigo, 1999.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G.: **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VITRAL, L. **Gramática Inteligente do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

Corpora

TMILG = Varela Barreiro, Xavier (dir.) (2004+): Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. [<http://ilg.usc.es/tmilg>]. [22/09/2015 – 01/06/2016]:

DM14: Leirós Fernández, Eladio (ed.) (1944): “Un documento de Monforte en el siglo XIV”, **Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo**, 1, 10-1, pp. 283-92.

TILG = Tesouro Informatizado da Língua Galega: Santamarina, Antón (coord.): Tesouro informatizado da língua galega. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. <<http://ilg.usc.es/TILG/>> [Consultado: 22/09/2015 – 01/06/2016].

Recebido em 09 de janeiro de 2020.

Aprovado em 27 de março de 2020.

Publicado em 30 abril de 2020.

SOBRE O AUTOR

André Felipe Cunha Vieira é doutor em Linguística pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Foi pesquisador convidado no Instituto da Língua Galega, na Universidade de Santiago de Compostela, Galícia, Espanha (2015- 2016), onde atuou como apoio docente no Mestrado Intrauniversitario de Linguística Aplicada, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Antonio Cidrás Escáneo. Atuou como professor substituto de Linguística no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ (2018-2019). Suas áreas de pesquisa são o galego, a Gramática de Construções Baseada no Uso, Sintaxe Funcional e Modelos Cognitivos. Bolsa sanduíche CAPES (7216/15-7). Proxecto de

investigación: Gallego y Portugués Brasileño: Historia, Variación y Cambio/Galego e Portugués Brasileiro: História, Variação e Mudança. Esta investigación financiada o programa CAPES/DGPU 325/15 en parceria coa Dirección General de Política Universitaria, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte PHBP14/00049, e unha bolsa de doutoramento CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3105-3466>

E-mail: ariel.narhman@gmail.com